

REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

Convite do Brincar: a ressignificação da sala de referência na Educação Infantil em uma EMEI do Município de São Paulo.

An Invitation to Play: Reimagining the Home-Base Classroom in Early Childhood Education at a Municipal School in São Paulo.

Invitación a jugar: la resignificación del aula de referencia en la Educación Infantil en una EMEI del municipio de São Paulo.

Elenice Rosa da Silva Costa
Flaviane Dantas Landin
Mirian Maria de Melo
Rosiane Francisca da Silva

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relatar a prática vivenciada por crianças e professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), situada na zona sul do município de São Paulo. O Convite do Brincar nasceu da necessidade das professoras de garantir vivências significativas às crianças, respeitando suas singularidades, suas histórias e, principalmente, seu protagonismo. A proposta de organização da sala de referência por meio do Convite do Brincar não retirou apenas mesas e cadeiras da sala: retirou a necessidade de prender os corpos infantis, oferecendo movimento, criatividade, autonomia e possibilidades de escolha. A reorganização do espaço possibilitou a criação de diferentes ambientes e propostas, favorecendo interações, descobertas e experiências construídas a partir dos interesses das crianças. Nesse contexto, o brincar passou a ocupar um lugar central no cotidiano, compreendido como linguagem própria da infância e como importante forma de expressão, aprendizagem e construção de vínculos. A experiência evidencia que pensar o espaço também é pensar nas infâncias que desejamos acolher e potencializar.

Palavras-chave: brincar; escolhas; protagonismo; sala de referência.

ABSTRACT

This article aims to report on a practice experienced by children and teachers at a Municipal Early Childhood Education School (EMEI) located in the southern zone of São Paulo. The "Invitation to Play" initiative arose from the teachers' need to ensure meaningful experiences for the children, respecting their unique characteristics, their personal histories, and, above all, their agency. Reorganizing the classroom through the "Invitation to Play" did more than just remove tables and chairs; it eliminated the need to confine children's bodies, instead offering movement, creativity, autonomy, and the opportunity to make choices. This spatial reorganization enabled the creation of diverse environments and activities, fostering interactions, discoveries, and experiences rooted in the children's own interests. In this context, play took on a central role in daily life, understood as a language unique to childhood and a vital means of expression, learning, and relationship-building. The experience demonstrates that rethinking space also means rethinking the childhoods we wish to embrace and empower.

Keywords: play; choices; agency; classroom.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo relatar la experiencia vivida por niños y maestras de una Escuela Municipal de Educación Infantil (EMEI), situada en la zona sur del municipio de São Paulo. La iniciativa "Invitación al Juego", surgió de la necesidad de las maestras de garantizar vivencias significativas para los niños, respetando sus singularidades, sus historias y, principalmente, su protagonismo. La propuesta de organizar el aula de referencia mediante la "Invitación al Juego" no solo eliminó mesas y sillas del espacio, sino que también suprimió la necesidad de restringir los cuerpos infantiles, ofreciendo movimiento, creatividad, autonomía y posibilidades de elección. La reorganización del espacio permitió crear diferentes ambientes y propuestas, favoreciendo interacciones, descubrimientos y experiencias construidas a partir de los intereses de los niños. En este contexto, el juego pasó a ocupar un lugar central en la vida cotidiana, entendido como un lenguaje propio de la infancia y como una forma importante de expresión, aprendizaje y construcción de vínculos. La experiencia demuestra que pensar en el espacio implica también pensar en las infancias que deseamos acoger y potenciar.

Palabras clave: juego; elecciones; protagonismo; aula de referencia.

Introdução

A proposta de organização da sala de referência, por meio do **Convite do Brincar**, nasceu sem o propósito de padronizar práticas pedagógicas ou oferecer respostas prontas a professoras e professores. Apresentamos, neste artigo, a organização da sala de referência como um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e trocas de saberes entre os profissionais de educação infantil, que investigam como colocar em prática um currículo com e para as crianças, considerando como eixos pedagógicos as brincadeiras e interações.

O acolhimento das crianças, com a reorganização do espaço e as materialidades, nos proporcionou vivenciar a docência por meio da transposição didática¹. Nossos saberes já constituídos não dialogavam com as necessidades daquelas crianças e com seu tempo. Assim, os saberes que precisávamos construir para atuar em um novo contexto, tornou-se um dos desafios em nossa prática cotidiana e suscitou reflexões acerca das possibilidades de olhar para as crianças visando seus avanços, criatividade, novas interações, saberes e protagonismo.

Compreendemos que a organização espacial é fundamental para o desenvolvimento, para a aprendizagem e para a construção da autonomia das crianças. A forma como a sala de referência está organizada pode torná-la um ambiente propício a diferentes aprendizagens e construções quando o espaço é organizado para favorecer as experiências e vivências infantis. Conforme defendido por Horn (2004).

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inscrevem emoções. Essa qualificação do espaço físico é o que o transforma em um ambiente. (Horn, 2004, p. 28).

Precisávamos que o espaço da sala de referência se configurasse como um ambiente acolhedor e de aprendizagem para aquelas crianças.

Nesse processo de resignificação e transformação da sala de referência, intensificaram-se as ações que propiciavam a escuta, o diálogo e as negociações, entre crianças/crianças e crianças/professoras. Novas ideias surgiram e aos poucos, mesas e cadeiras cederam lugar aos “cantinhos”², posteriormente nomeados de **Convite do Brincar**.

Repensar os espaços pedagogicamente, com o intuito de que esses se transformem em espaços do brincar, valorizando as hipóteses das crianças na construção de seus conhecimentos e na compreensão de sua forma de explorar

¹ Transposição Didática: trabalho de fabricar um objeto de ensino, ou seja, fazer um objeto de saber produzido pelo “sábio” (o cientista) ser objeto do saber escolar. (POLIDORO e STIGAR, 2010. p.154).

² Nome dado pelas crianças aos novos espaços criados.

o mundo, é dar visibilidade a processos educativos que se constroem em colaboração, com afetividade e com compromisso docente.

Essa construção se torna possível quando materializamos os princípios de uma pedagogia participativa, com a valorização dos diálogos e do planejamento docente que se realiza com e para as crianças, possibilitando novas organizações que atendam a pressupostos humanizadores das relações infantis e despertem novas possibilidades de replanejar tempos e espaços de forma significativa.

Convite do Brincar: nascendo uma proposta de organização do espaço a partir da escuta infantil

*Não basta o silêncio de fora.
É preciso silêncio dentro.
Ausência de pensamentos.
E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir
coisas que não ouvia.
Eu comecei a ouvir.
Rubem Alves*

No município de São Paulo, as crianças de 4 a 5 anos e 11 meses são atendidas em EMEIs, e, com exceção das unidades que atendem em período integral³, as crianças permanecem nessas instituições por um período de 6 horas diárias. Para receber as crianças e suas famílias, as unidades organizam-se para o período de acolhimento. Segundo o documento, *Currículo da Cidade – Educação Infantil*, o período de acolhimento é essencial na construção da identidade infantil e deve ser um compromisso na atuação de profissionais que atuam na infância.

Por isso, o acolhimento dos bebês e das crianças, essencial na construção de sua identidade, é um compromisso. Cabe aos profissionais terem atenção aos espaços organizados para as vivências oferecidas, os tempos para as elaborações, as críticas, as releituras e as materialidades para as criações e os questionamentos que os bebês e as crianças evidenciam, sejam eles verbais ou gestuais. É preciso sustentar a possibilidade de que cada bebê e criança, que esteja nas Unidades Educacionais (UEs,) seja convidado a reinventar e transformar o mundo. (São Paulo, 2019, p. 23)

³ Nas unidades de período integral, o atendimento às crianças de 4 a 5 anos e 11 meses

Este ano, já nos primeiros dias, foi possível sentir a diferença das crianças que acolhemos na sala 9, nossa “querida Sala Lilás”⁴. A impressão de que as crianças estavam mais agitadas e que, aparentemente, nada os agradava, confirmava-se quando nos deparávamos com a inquietude e gostos infantis contrários às nossas propostas.

Vivenciamos certo “desespero pedagógico”⁵. Parecia que nada do que carregávamos em nossa bagagem de anos e anos de profissão fazia mais sentido. Era esse o sentimento que partilhávamos. A partilha de nossas angústias, nossas práticas e tentativas frustradas de acessar as crianças, de trazê-las para a escola, foram temáticas presentes no grupo de *whatsapp*, criado para nossa comunicação. Foi em uma de nossas longas conversas que surgiu a proposta: E se nós retirássemos as mesas e cadeiras?

Habitados a desenvolver propostas em um espaço composto com mesas e cadeiras para acomodar as crianças, a pergunta ecoou, juntamente e automaticamente com a resistência que o hábito nos imprime. Nesse sentido, é preciso aceitar que:

O confronto teórico e a construção de novos referenciais para o trabalho propiciam o desenvolvimento da capacidade de antecipar, estabelecer relações, saber explicar o que se faz, fazer escolhas mais ativas, selecionar uma entre várias opções, aprimorar a ação e compreender as razões implícitas. Assim, o educador não fica limitado à repetição de velhos hábitos ou ações realizadas por tentativa e erro. (Carvalho, Klysis e Araujo, 2006, p. 119).

O referencial teórico que embasa os diferentes documentos que orientam o trabalho para os profissionais da infância, como as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* (DCNI), a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), o *Currículo da Cidade – Educação Infantil* e as teorias que confirmam a concepção de crianças como competentes, ativas, com potencial para agir individual e colaborativamente, evidenciaram a necessidade de fazermos algo. As crianças gritavam por socorro.

⁴ Nossas crianças referem-se assim à nossa sala 9.

⁵ Expressão utilizada pelas professoras para dimensionar as sensações de angústia, vividas frente aos desafios de atendimento e retorno pós pandemia.

Diante do quadro dos dois agrupamentos que atendíamos, com aproximadamente 35 crianças em cada agrupamento, de gostos e vontades diferentes, crianças com diferentes necessidades, querendo vivenciar experiências que lhe significassem algo de fato, e ansiando pela escuta, não poderíamos permanecer alheias ao que suas vozes, seus corpos e seus gestos tentavam nos comunicar.

Já não bastava mais a voz das professoras. Precisávamos compreender e ter acesso ao que as crianças queriam expressar. Mas, como escutar agrupamentos tão numerosos? Esse questionamento não pode ser desconsiderado, pois a garantia de um atendimento pedagógico qualificado não se dissocia da garantia de recursos humanos suficientes para atender às necessidades demandadas pela infância. Nesse sentido, encontramos em Bruna Ribeiro (2022), elementos que nos motivaram a investir, ainda mais, nesse processo de escuta.

[...] em contextos numerosos que a escuta, mais do que nunca, deve estar presente para garantir o direito à individualidade frente aos numerosos coletivos, como o são as unidades de educação infantil no Brasil. A escuta surge nesses contextos assegurando o direito a cada indivíduo de ser olhado e escutado, destacando-o da multidão. Escutar significa autorizar e testemunhar o direito à individualidade de cada criança. (Ribeiro, 2022, p. 90)

A possibilidade de escutar as crianças, apresentava-se como um caminho para garantir o que desejávamos: o direito de serem olhadas e respeitadas em suas individualidades. Escutar foi a mola propulsora para transformar a sala de referência e para nos transformar no desenvolvimento da docência. Se para as crianças a escuta é uma forma de garantir direitos, para as professoras a escuta revela-se como fonte de pesquisa e aprendizagem sobre as crianças.

A partir da escuta nos aproximamos e damos abertura para a participação, nos colocamos em uma relação de diálogo com as crianças, rompendo com a atitude docente que ensina e da criança que aprende e promovendo momentos de discussão, construção e organização coletiva.

Foi por meio da escuta infantil que uma sala com mesas e cadeiras se transformou em um ambiente organizado por crianças que tiveram suas vozes, seus gestos e seus desejos ouvidos. Da escuta infantil surgiu o **Convite do Brincar**.

Imagem 1 – Sala de referência comum: antes da escuta infantil



Fonte: Acervo das professoras.

Imagem 2 – Sala reorganizada: Convite do Brincar



Fonte: Acervo das professoras.

Aos poucos, surgia um espaço planejado e desejado pelas crianças, com multi ambientes, construídos a partir da escuta de crianças que tiveram garantidos os direitos de comunicar suas ideias, expressar suas necessidades, discutir possibilidades de criar e participar de propostas significativas.

Com a escuta das crianças nas discussões sobre a organização da sala de referência, vivenciamos o espaço “não somente como um local de trabalho, um elemento a mais no processo educativo, mas, antes de tudo, um recurso, um instrumento, um parceiro do professor na prática educativa” (Horn, 2004, p. 37).

Nossa sala de referência passou a ser o que Marcano (2022) denomina como um espaço flexível e mutável, onde as crianças se reconheciam e atuavam em diferentes momentos e propostas.

O espaço é algo vivo e em contínua transformação. Pensemos nele como um lugar flexível, em contínua mudança, que se adapta às necessidades; espaços para a incerteza, para a surpresa, para a transgressão, que se modificam e que, efetivamente, evoluem com quem os habitam. (Marcano, 2022, p.72)

A reorganização da sala de referência acontecia por meio de uma gestão compartilhada, materializada em cada ambiente que se constituiu a partir das ideias infantis. A sala de referência ganhava uma identidade própria à medida em que rompíamos com a estética comum do que antes concebíamos como uma “sala de aula”.

O espaço: transformando com o olhar das crianças

*O olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Manoel de Barros.*

Para organizar um espaço educativo com a colaboração das crianças não basta ver. É preciso, como indicado por Manoel de Barros, *transver*. Para nós, professoras, escutar as crianças nos auxiliava a transver os diferentes mundos que se apresentavam como possibilidades de serem criados naquele pequeno espaço da EMEI.

Ouvir as crianças foi também permitir que elas falassem, que saíssem do lugar de quem apenas escuta, pois, como indicado por Sarmiento:

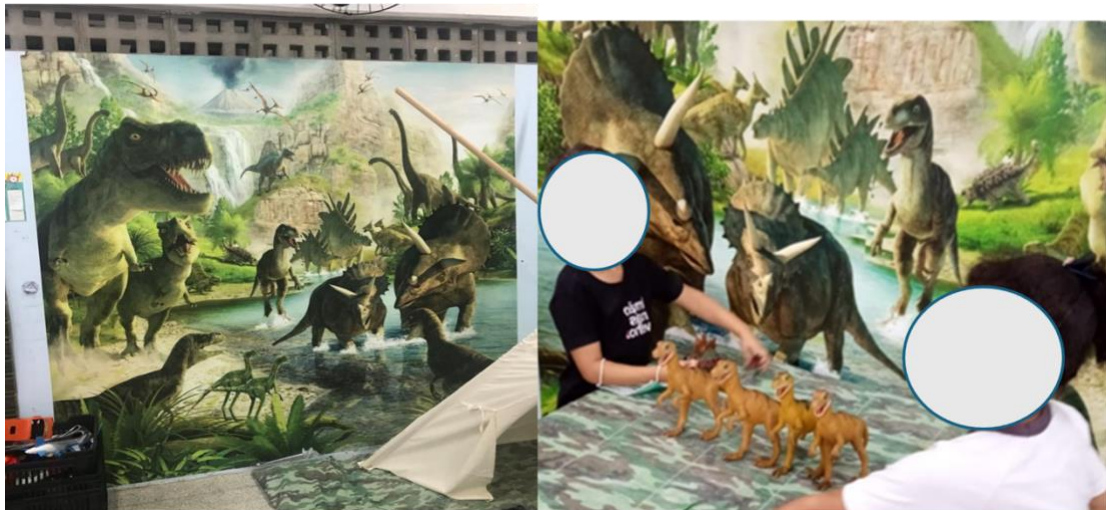
As crianças têm sido colocadas no lugar de quem escuta e não no lugar de quem fala. E é importante esse esforço. Não no sentido de inverter esses lugares, mas no sentido de torná-los recíprocos. A criança tanto fala quanto escuta, assim como o adulto simultaneamente deve tanto falar quanto escutar nessa relação (Sarmiento *in* Friedmann *et al*, 2018, p. 9).

O primeiro espaço proposto e materializado na sala de referência, foi o espaço dos dinossauros. Por meio da fala de uma das crianças: “A gente podia ter um espaço dos dinossauros”, nos organizamos para criar o ambiente. Ainda

é possível lembrar da alegria e do brilho no olhar das crianças quando o painel autocolante com as imagens imensas dos dinossauros foi finalizado.

O painel dos dinossauros tornou-se um lugar de experiências, curiosidades e brincadeiras.

Imagem 3 – Os dinossauros entram em cena



Fonte: Acervo das professoras.

Nesse espaço as crianças têm enriquecido seus vocabulários, ampliado o conhecimento sobre os dinossauros brincando e desenvolvendo novas narrativas. Colocamos também, livros para pesquisas e apreciação de imagens por parte das crianças. Ao brincar de faz de conta, as narrativas surgem, o aprender a conviver em pequenos grupos vai estreitando laços de amizade, novos saberes são construídos e algumas atitudes como a colaboração vão se formando.

Narrativas como as de duas crianças que, ao brincarem juntas, criam situações próprias de vivenciar o mesmo espaço: - Olha, Sophia, os irmãos dinossauros! Wiliam colocando os dinossauros um ao lado do outro. - Eu vou entrar na caverna, vou me esconder! – Sophia grita e corre para a caverna.

Com esse lugar construído, as crianças foram nos indicando outras possibilidades para desenvolverem suas brincadeiras e explorações. Suas falas expressavam que a sala de referência precisava de mais ambientes para ser efetivamente um espaço completo para elas. E assim, foram criados ambientes para...

Imagem 4 – Brincar de casinha



Fonte: Acervo das professoras.

Imagem 5 – Montar e desmontar



Fonte: Acervo das professoras.

Imagem 6 – Ler livros



Fonte: Acervo das professoras

Imagem 7 – Brincar de faz de conta com fantasia



Fonte: Acervo das professoras.

Imagem 8 – Pintar e desenhar



Fonte: Acervo das professoras.

A cada dia, o espaço ia ganhando mais elementos e funcionalidades. Na sala de referência, permaneceram duas mesas com 4 cadeiras cada uma. Nelas, organizamos o convite para a “**Mesa de novidades**”. É nesse convite que trabalhamos jogos de tabuleiros, jogo da memória, massinha, blocos de madeira (construções), materiais não estruturados etc.

O espaço da “Mesa de novidades” tornou-se também um espaço de autonomia, aprendizagem e diversão. As crianças escolhem seus jogos, constroem e aprendem as regras e se divertem com os amigos.

Nada do que foi construído poderia ser pensado apenas pelas professoras, realmente, pensamos em colaboração. Nos atentamos para a organização de onde seria melhor alojar cada canto proposto, como, por

exemplo a pintura. Optamos por ser perto da pia, para facilitar a lavagem dos pincéis e oportunizar a utilização do espaço azulejado na parede.

Repensar estes espaços possibilitou-nos observar nossas crianças, acompanhar seus avanços, suas criatividade e as novas interações, ter acesso aos seus saberes e pôr em jogo suas ideias e criações. Em um momento de exploração no espaço do convite brincar com fantasias, fomos surpreendidas por duas crianças, uma delas faz sua solicitação: - Prô, me dá massinha para a fantasia? Massinha vermelha. - Para que vocês querem massinha na fantasia? Perguntamos. - Para brincar de salão, vamos fazer as unhas para a festa!

Imagem 9 – Brincando de salão no espaço da fantasia



Fonte: Acervo das professoras.

A organização do espaço da sala de referência foi fundamental para a construção da autonomia das crianças, para o seu protagonismo, para a expressão de suas ideias e para que elas pudessem viver situações simbólicas de criação e fantasia. A retirada das cadeiras e mesas ampliou o espaço do brincar, possibilitou maior movimentação às crianças e nos desafiou pedagogicamente no planejamento cotidiano. O **Convite do Brincar** permitiu-nos a construção de uma prática reflexiva sobre a ação docente e transformação na ação diária em sala de referência com as crianças.

As escolhas: convites não só de brincar

*Uni, duni, tê
Salamê, mingê
Um sorvete colorê*

O escolhido foi, você.
(Tradição Oral)

Brincar é ação vital no cotidiano das crianças. É por meio da brincadeira que a realidade em que as crianças estão inseridas vai ganhando significado e sendo resignificada. Segundo Santos (1995):

O brincar é, portanto, uma atividade natural, espontânea e necessária para criança, constituindo-se em uma peça importantíssima a sua formação seu papel transcende o mero controle de habilidades. É muito mais abrangente. Sua importância é notável, já que, por meio dessas atividades, a criança constrói o seu próprio mundo. (Santos, 1995, p.4).

A organização da sala de referência, por meio da proposta do **Convite do Brincar**, possibilitava que as crianças brincassem. No entanto, ainda tínhamos algumas preocupações em relação aos espaços criados. E se o brincar se esgotasse rapidamente? E se a dinâmica de organização da sala não fizesse sentido para as crianças? Como garantir que as crianças brincassem pelos ambientes da sala com um tempo de qualidade? Nosso objetivo era resgatar um tempo de qualidade na infância, incentivando o brincar, pois, segundo o documento Currículo da Cidade Educação Infantil:

Com as brincadeiras, as crianças exercitam e formam uma percepção cada vez mais aguçada das coisas (formas, cores, tamanhos, texturas, volume, peso etc.), vão formando uma memória, descobrem possibilidades de exploração dos objetos, encontram soluções para problemas que aparecem na brincadeira, vão formando uma imagem de si. Ao brincar com outras crianças nos jogos, nas brincadeiras de movimento, nas brincadeiras tradicionais, as crianças ampliam seu vocabulário, trocam experiências com seus pares, aprendem regras de convivência e também as dos jogos, aprendem a esperar sua vez para jogar e a respeitar a vez dos colegas. (São Paulo, 2019, p. 92)

Não desejávamos que as crianças escolhessem um espaço e simplesmente saíssem para outro sem explorar ou vivenciar o que cada escolha oferecia. Assim, foi necessário focar na tomada de decisão para que eles escolhessem o espaço com consciência. Foi através de muita conversa com as turmas que iniciamos as “regras” do Convite do Brincar.

As crianças participaram das decisões apoiando os combinados e para isso confeccionamos cartões com fotos dos espaços onde, cada criança, ao

realizar a escolha, deveria permanecer no espaço até o final do “Convite” ou, caso necessário, deveriam aguardar a próxima rodada. Por isso enfatizamos sempre a escolha. Nossa orientação era para que escolhessem o que realmente desejavam e, quando alguma criança queria mudar rapidamente, orientávamos para escolher no próximo convite. E é exatamente isso o que fazemos na vida, precisamos refletir sobre nossas escolhas.

Inicialmente, chamávamos as crianças para escolherem onde brincar. Foi criado um painel com os convites onde as crianças faziam suas escolhas por meio de cartões com imagens dos diferentes ambientes criados para a exploração. Cada criança pegava seu convite e o depositava num pote. Após um período nessa configuração, sentimos a necessidade de possibilitar que as crianças fossem protagonistas desse momento, escolhendo, elas mesmas, como iniciar o convite sem a intervenção da professora. Assim, a escolha passou a ser realizada pelo Conselheiro Mirim, um representante de sala que participa de reuniões para discutir melhorias e interesses do grupo e leva para a coordenação as decisões coletivas. Essa ação compõe o projeto institucional “Conselho Mirim” que é desenvolvido na Unidade.

Imagem 10 – Cartões para a escolha



Fonte: Acervo das professoras.

No cotidiano, ao iniciarmos a escolha para o **Convite do Brincar**, fomos surpreendidas pelo questionamento de uma das crianças: – “Por que só o 6B escolhe? A gente podia cada dia um escolher fazendo uni-duni-tê!” A fala deu-nos indícios de que aquela criança desejava algo mais, além do brincar e a possibilidade de escolher; ela reivindicava uma participação democrática. Era isso o que o **Convite do Brincar** estava despertando nas crianças: a

necessidade de participar de todas as formas, seja brincando ou coordenando. A sala de referência tornou-se também a referência de protagonismo da infância.

A transformação na sala de referência não ocorreu do dia para a noite. A configuração da sala foi se modificando de acordo com as sugestões e necessidades das crianças, e, com as observações docentes. Não se tratava apenas de modificar o espaço. Foi necessário também, transformar nossa forma de conceber a prática pedagógica e compreender as possibilidades de atuação, não só das crianças, como também das docentes. Um exercício mais que necessário a quem se propõe a transformar, tendo em vista que:

A ação docente na educação infantil caracteriza-se por sua sutileza, sua informalidade na ação, pois, apesar de ser muito pensada e planejada, deve explicitar-se como um convite, como uma possibilidade, e não uma exigência e um direcionamento constante para com as crianças. Uma das grandes tarefas dos professores nessa ação indireta é construir um ambiente material e relacional que ofereça e enriqueça as possibilidades do brincar. (Horn e Barbosa, 2021, p.86)

Enquanto não tínhamos as cabanas esperadas, as mesas eram adaptadas para possibilitar a materialização das ideias infantis e promover as experiências desejadas. Essa e outras intervenções foram comuns, até chegarmos à configuração atual do **Convite do Brincar**.

Imagem 11 – 1ª versão da cabana



Fonte: Acervo das professoras.

Imagem 12 – 2ª versão da cabana



Fonte: Acervo das professoras.

Diferentes ambientes foram sendo criados e complementados para possibilitar novas experiências e aprendizagens, e como afirma Horn (2004):

O espaço nunca é neutro, pois carrega em sua configuração, como território e lugar, signos e símbolos que o habitam. Na realidade, o espaço é rico em significados, podendo ser “lido” em suas representações, mostrando a cultura em que está inserido através de ritos sociais, de colocação e uso dos objetos, de relações interpessoais etc. (Horn, 2004, p. 37)

Podemos considerar que nossa sala de referência, hoje, traz como representação a cultura da infância, pois contribui “para pensar a criança como ator social, capaz de intervir, modificar e atuar na dinâmica cultural e social dos sujeitos” (Moruzzi, 2008, p. 50).

A transformação ocorreu, tanto no espaço da sala de referência, quanto em nossa prática pedagógica e concepção acerca do fazer docente. O **Convite do Brincar**, que surge no início do ano letivo, como uma tentativa pedagógica experimental para uma semana, tomou conta de nossos corações de forma que não vemos mais a possibilidade de voltarmos ao sistema antigo de mesas e cadeiras, pois acreditamos que há outra forma possível de ser professora na educação infantil.

Considerações

A cada dia vemos nossa sala como um grande desafio, como todas as salas de referência da rede municipal de São Paulo. Lidamos com “mundos diferentes” e cada criança é única; um ser dotado de saberes, de sonhos, de angústias, de vontades, e pronta para aprender diariamente, o que lhe é nato.

Mas, o que o **Convite do Brincar** ensina? Nós também nos fazíamos essa pergunta, e passamos meses recolhendo aprendizagens e alegrias advindas dele. No espaço recriado para a escolha e escuta, as crianças desenvolvem a autonomia. Elas têm voz e vez de fala, sua escuta é valorizada, seus desejos são ouvidos, e, dentro do possível realizado.

O choro diminuiu, os conflitos foram amenizados; eles existem sim, afinal de contas lidamos com crianças, mas, agora conseguimos visualizar com mais facilidade e rapidez onde os conflitos começam e muitas vezes é possível intervir de forma preventiva.

Em nossa sala de referência, as crianças com deficiência e/ou transtornos brincam nos ambientes que lhes chamam a atenção, realizam as propostas juntamente com a turma sem que seus desejos sejam podados. As crianças são respeitadas e compreendidas em suas especificidades.

Na sala de referência, organizada com a proposta do **Convite do Brincar**, as crianças sentem-se seguras para ir e vir. Elas pertencem a esse ambiente. Era esse pertencimento que desejávamos sem ao menos sonhar com essa possibilidade. A sala de referência tornou-se um lugar de vivências para todas as crianças.

Para nós, professoras, o **Convite do Brincar** nos possibilitou realizar diariamente os registros com maior clareza sobre as crianças, bem como vivenciar situações em que foi possível organizar relatórios pedagógicos que dão visibilidade a: como as crianças se relacionam com o espaço, entre elas, com as propostas, e como se desenvolvem e aprendem. Não proporcionamos apenas espaço para as crianças brincarem. Pensar e transformar o espaço, ampliou e aprimorou o nosso olhar.

Não retiramos apenas mesas e cadeiras da sala de referência. Retiramos a necessidade de prender corpos. Estamos lidando com uma nova geração, lidando com mentes e corpos que precisam brincar, precisam experienciar novas

propostas, mas propostas que advenham delas, só assim sua aprendizagem terá significado.

Precisamos entender que as salas de referência não são espaços para que as crianças fiquem apenas sentadas, com seus corpos sujeitos às mesas e cadeiras. Não podemos mais conceber uma educação Infantil para o controle dos corpos e mecanização das mentes infantis. As crianças precisam de liberdade e oportunidade para criar.

Criança é movimento. E no movimento de brincar, de escolher, de decidir onde, com quem e como brincar é que as crianças expressam suas vivências. É no brincar que eles aprendem.

O **Convite do Brincar** surge como uma esperança do fazer dar certo. Esperançar, como verbo de ação fundamentado nos ensinamentos de Freire (2013) uma esperança que nos movimenta e não nos imobiliza, que nos coloca na luta cotidiana por uma educação de qualidade.

A reorganização da sala de referência, por meio do **Convite do Brincar**, apresentou-se como um grande presente para as crianças, para as famílias que acompanham o desenvolvimento e a construção da autonomia de seus filhos em diferentes contextos, e principalmente para nós, professoras, que buscamos garantir os princípios de equidade, inclusão e integralidade compreendendo que:

Ao interagir nas brincadeiras, explorações e investigações, os bebês e crianças vivenciam experiências e aprendem as estratégias de convivência que foram constituídas historicamente nas diferentes culturas, interagindo com os distintos saberes e os conhecimentos. As Unidades de Educação Infantil (EI), de acordo com Moss (2009), são lugares de encontro, espaços da esfera pública onde as pessoas (bebês, crianças e adultos) constroem suas histórias pessoais e coletivas. Trata-se de um lugar para estar, viver, aprender, (re)conhecer, (re)ver e (re)pensar o mundo e a vida a partir das experiências estabelecidas. A escola é um lugar onde a criança aprende a conduzir a sua existência. (São Paulo, 2019, p. 22 e 23)

Reinventar a prática docente não é tarefa fácil, mas quando nos deparamos com um “arriscar” que abre caminhos inimagináveis de aprendizagem, torna-se impossível retornar às práticas da “velha pedagogia”. Por esse motivo, não tecemos considerações finais, pois a prática pedagógica se dá em continuidade e renova-se a cada imersão no potencial criativo do ser humano.

Referências

- ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. Campinas: Papyrus, 2003. 8.ed. 214p.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- CARVALHO, Silvia Pereira de; KLYSIS, Adriana e AUGUSTO, Silvana. (Org.). **Bem-Vindo, Mundo: criança, cultura e formação de educadores**. São Paulo. Peirópolis, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2013.
- FRIEDMANN, Adriana. (et al.). **Quem está na escuta?** Mapa da Infância Brasileira. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, infância e Desenvolvimento. 2018. 62p.
- HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- HORN, Maria da Graça Souza; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Abrindo as portas da escola infantil: viver e aprender nos espaços externos**. Porto Alegre: Penso, 2021.
- LEITE, Mirian Soares; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Contribuições de Basil Bernstein e Yves Chevallard para a discussão do conhecimento escolar**. Rio de Janeiro, 2004. 116 p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=5269@1>. Acesso em: 20 out. 2026.
- MARCANO, Beatriz Trueba. **Espaços em harmonia: propostas de atuação em ambientes para a infância**. São Paulo: Phorte, 2022.
- MORUZZI, Andrea Braga. **Cultura da Infância: entre textos, desenhos e outras linguagens – intervenções infantis nas formas de subjetividade**. In: IV Seminário sobre linguagens – Políticas de subjetivação – Educação. “Dialogia: Formações discursivas e Imagens”, 2008. pp. 41-52. Disponível em: https://ib.rc.unesp.br/Home/Departamentos47/educacao/grupodeestudosepesquisaslinguagensexperienciaeformacao/anais/cultura_da_infancia_entre_textos_desenhos_e_outras_linguagens.pdf Acesso em: 20 out. 2026.
- POLIDORO, Lurdes de Fátima; STIGAR. **A Transposição Didática: a passagem do saber científico para o saber escolar**. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano VI, n. 27. p. 1-7. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Ensino_religioso/transposicao_didatica.pdf. Acesso em: 20 out. 2026.
- RIBEIRO, Bruna. **Pedagogia das miudezas: saberes necessários a uma pedagogia que escuta**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022. 209p.

SANTOS, Santana Marli Pires dos. **Brinquedoteca**: sucata vira brinquedo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade**: Educação Infantil. – São Paulo: SME/COPED, 2019. 224p.

Editor(a) responsável: Siglia Pimentel Hoher Camargo

Recebido em: 10/10/25

Aceito em: 05/08/26

Elenice Rosa da Silva Costa

Doutoranda pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), Mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), possui especialização em cursos na área da Educação e participa. É Coordenadora Pedagógica na Rede Municipal de Educação de São Paulo (RMESP) e atua como formadora na Divisão Pedagógica (DIPED) na Diretoria Regional de Educação de Santo Amaro.

 elenice.scosta@sme.prefeitura.sp.gov.br

 <http://lattes.cnpq.br/2083396600214631>

 <https://orcid.org/0009-0008-6268-503X>

Flaviane Dantas Landin

Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro, Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro e Pós-graduada (Lato Sensu) em Psicanálise da Literatura Infantil pela UNIFAHE. Possui extensão universitária em Literatura, Cultura e Organização Educacional, Educação Infantil e Alfabetização. Professora na Rede Municipal de Educação de São Paulo desde 2015. Autora da proposta/projeto “Convite do Brincar”.

 flaviane.correia@sme.prefeitura.sp.gov.br

 <http://lattes.cnpq.br/9546465224923410>

 <https://orcid.org/0009-0002-0376-7306>

Mirian Maria de Melo Silva

Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista. Pós-graduanda (Lato Sensu) em Contação de História pela Faculdade Campos Salles. É professora na Rede Municipal de Educação Infantil de São Paulo desde 2015. Autora da proposta/projeto “Convite do Brincar”.

 mirian.maria@sme.prefeitura.sp.gov.br

 <http://lattes.cnpq.br/0042244542649785>

 <https://orcid.org/0009-0002-1811-5618>

Rosiane Francisca da Silva

Pedagoga e Orientadora Educacional, formada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Possui formação em Letras pela Universidade Faculdade A. Paulista, pós-graduação (Lato Sensu) em Gestão e Organização Escolar e História da Arte. É professora na rede Municipal de Educação de São Paulo desde 2012. Autora da proposta/projeto “Convite do Brincar”.

 rosiane.almeida@sme.prefeitura.sp.gov.br

 <http://lattes.cnpq.br/2470123152784266>

 <https://orcid.org/0009-0009-7086-7527>